

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

GUILHERME FIGUEIRA ROCHA

CAUSAS DA SUPERIORIDADE CHILENA NA GUERRA DO PACÍFICO

BRASÍLIA

2019

GUILHERME FIGUEIRA ROCHA

CAUSAS DA SUPERIORIDADE CHILENA NA GUERRA DO PACÍFICO

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

Orientador: Professor Doutor Francisco Fernando Monteoliva Doratioto.

Brasília, 10 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Fernando Monteoliva Doratioto

Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Nogueira

Doutoranda Rebeca Leite Costa

RESUMO

A Guerra do Pacífico (1879-1883), travada pelo Chile contra as forças combinadas do Peru e da Bolívia, foi um conflito desencadeado essencialmente pela disputa sobre o controle e exploração do salitre. Inicialmente, projetava-se um cenário desvantajoso para o Chile, já que esse país enfrentaria sozinho duas nações rivais. Além disso, existia a possibilidade de a Argentina entrar na guerra ao lado do Peru e da Bolívia, uma vez que as disputas territoriais com o Chile na região da Patagônia ainda não tinham sido resolvidas. Entretanto, o Chile venceu a guerra e anexou parte do território peruano e boliviano, fato que até hoje é motivo de discussões no âmbito diplomático tendo em vista que a Bolívia perdeu sua costa marítima. Analisar os antecedentes históricos da guerra em tela é fundamental para explicar a vitória chilena.

Palavras-chave: Guerra do Pacífico, Chile, Peru, Bolívia, salitre, antecedentes históricos.

ABSTRACT

The War of the Pacific (1879-1883), fought by Chile against the combined forces of Peru and Bolivia, was a conflict triggered essentially by the dispute over the control and exploitation of saltpeter. At first, it predicted a disadvantageous scenario to Chile, since it would fight alone against two rival nations. Moreover, Argentina could join the war at the side of Peru and Bolivia, since the territorial disputes with Chile in Patagonia had not been resolved yet. However, Chile won and annexed part of peruvian and bolivian territory, a fact that even today brings discussions in the diplomatic sphere, since Bolivia lost its coast. It is crucial to analyze the previous history of this war to explain the chilean victory.

Key-words: War of the Pacific, Chile, Peru, Bolivia, saltpeter, previous history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ilustração da ocupação chilena em Antofagasta no ano de 1879	23
--	----

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Território ocupado pelo Chile antes e durante a Guerra do Pacífico	18
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
I Origens da Guerra do Pacífico	6
1.1 Delimitações fronteiriças	6
1.2 Relações entre Chile, Peru e Bolívia após a independência	8
II A questão do salitre.....	14
2.1 Empreendedorismo chileno no auge da exploração do salitre	15
2.2 Da consolidação chilena no deserto de Atacama ao início das hostilidades	21
III Forças militares chilenas, peruanas e bolivianas no início da Guerra do Pacífico	24
3.1 Análise do teatro de operações e comparação das forças marítimas	27
3.2 Comparação das forças terrestres	29
IV Das principais operações militares ao desfecho da guerra em 1883	32
4.1 Campanhas navais	33
4.2 Campanhas terrestres	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O século XIX foi um período relevante para a configuração dos Estados nacionais na América Latina, assim como para a formação da noção de pátria e nacionalidade, entre os novos países marcados pelas lutas conjuntas de independência contra a Espanha. Entretanto, após o rompimento definitivo dos grilhões de sua metrópole, alguns fatores como a imprecisão na delimitação das fronteiras das antigas posses espanholas logo levariam a uma série de imbróglios entre os países recém-formados. A situação se agravou quando interesses econômicos pela exploração de recursos minerais - como os depósitos de guano e salitre – se intensificaram em áreas pouco habitadas no deserto de Atacama e na costa do Pacífico Sul. Esses recursos foram o estopim para o início de uma das guerras mais longas e custosas já presenciada entre países da América Latina: trata-se da Guerra do Pacífico, travada no período entre 1879 a 1883, envolvendo o Chile contra as forças combinadas da Bolívia e do Peru.

Frente ao exposto, esta monografia tem como objetivo principal responder o porquê da superioridade militar do Chile durante a Guerra do Pacífico, elencando suas principais causas.¹ O contexto político e econômico dos países envolvidos na guerra - compreendendo o período de 1810 a 1883 - também será analisado para auxiliar na construção dos argumentos aqui desenvolvidos.

¹ Sem lançar mão de qualquer tipo de determinismo, a exposição das causas da superioridade chilena na Guerra do Pacífico nessa monografia tem por finalidade guiar e organizar os principais fatos históricos que corroboraram para essa análise. Como salientou Edward Hallet Carr: “todo argumento histórico gira em torno da questão da prioridade de causas.” (CARR, 2006, p. 124).

I Origens da Guerra do Pacífico

Neste capítulo, trataremos os antecedentes históricos a partir de 1810 para compreender o início da rivalidade e da delimitação das fronteiras entre o Chile, Peru e Bolívia. A partir desse período a influência e dominação espanhola estava desgastada após séculos de colonização, tendo a Guerra Peninsular entre Espanha e França, em 1808, agravado a situação. A ascensão de José Bonaparte ao trono espanhol deu margem para movimentos revolucionários, que influenciaram no processo de independência das antigas colônias espanholas. Apesar de a aristocracia *criolla* - em especial a situada no Chile – ter sido favorável ao retorno de Fernando VII ao trono da Espanha, também temeram que a influência francesa se perpetuasse definitivamente, o que poderia diminuir sua participação no governo local.²

O cenário descrito foi propício para o surgimento de novas tendências, cujas premissas se respaldavam no fim da subordinação ao domínio espanhol e consequente independência. Contudo, longe de alcançar estabilidade na região, após a emancipação o que se presenciou foram longos embates e rugas entre as novas Repúblicas diante da imprecisão na delimitação das fronteiras, herdada do período colonial.

1.1 Delimitações fronteiriças

A delimitação das fronteiras dos novos países latino americanos gerou longas discussões respaldadas pelo princípio do *Uti Possidetis*. Por esse, a posse do território caberia aos países que nele tivessem autoridades ou cidadãos seus vivendo. A partir de 1810, em pleno processo de desprendimento da coroa espanhola, as novas Repúblicas que se formariam na América Latina, passaram a utilizar o argumento de que a demarcação dos seus limites territoriais corresponderia aos vigentes no momento da separação definitiva da Espanha. Interpretações diversas e leituras contraditórias, principalmente em regiões desérticas e escassamente habitadas, surgiram desde que o supracitado princípio passou a ser utilizado como parâmetro, devido às grandes

² GALDAMES, Luis. *Historia de Chile*. 13. ed. Santiago: Zig-Zag, 1952, p. 224.

proporções dessas áreas em litígio.³ A disputa territorial entre o Chile e a Bolívia se tornaria bastante peculiar pois o Chile - herdeiro da antiga posse espanhola correspondente à Capitania Geral do Chile - iniciou expedições com o objetivo de comprovar a presença de seus colonos em regiões desérticas pouco valorizadas anteriormente. É possível constatar que

esta despreocupação do Chile pelo extremo norte do deserto de Atacama desaparece assim que se consolida a vida política nacional. Assim, já em 1834 se ordena a realização de um censo dos colonos espalhados por toda a extensão da comarca.⁴

Nesse momento, uma atenção maior seria dada para as regiões costeiras e desérticas do altiplano andino. Além dos censos populacionais o Chile intensificou, a partir de então, expedições e estudos para reconhecer essas áreas como assinalou Jaime Eyzaguirre:

Alguns chilenos de considerável ímpeto haviam percorrido as praias inóspitas do deserto de Atacama e verificado a existência de depósitos de guano por lá. O Chile tinha tanta certeza de seus direitos naquela região que o presidente Bulnes, diante dos descobrimentos realizados, enviou especialistas para reconhecer a costa atacamenha.⁵

Desta feita, o Chile passou a reconhecer sua soberania no deserto de Atacama ao discriminar explicitamente em sua Constituição de 1822, capítulo 1º, artigo 3º, que conhecia como seus limites naturais do Cabo Horn ao Sul, até a região inabitada do deserto de Atacama ao Norte.⁶ Esse entendimento foi mantido nas Constituições chilenas posteriores de 1823 e 1833. A Bolívia, por sua vez, respaldou suas possessões territoriais nos títulos da Audiência de Charcas, criada em 4 de setembro de 1559 pela Cédula Real do rei espanhol Felipe II. Para a Bolívia, a supracitada Audiência não fazia qualquer alusão sobre os limites das fronteiras com o Chile, sendo que nela estava

³ BARRIENTOS-PARRA, Jorge; AGUILAR, Sérgio. A demanda Bolívia v. Chile na corte internacional de justiça: a questão da saída para o oceano pacífico. *Revista da Faculdade de Direito da UFMG*. Belo Horizonte, n. 71 p. 341 – 374, 2017, p. 346.

⁴ EYZAGUIRRE, Jaime. *Breve historia de las fronteras de Chile*. 2. ed. Santiago, Chile: Universitária, 1968, p. 53, Tradução livre.

⁵ *Ibid.*, p. 54, Tradução livre.

⁶ CHILE. *Constitucion Política del Estado de Chile. Promulgada el 23 de octubre de 1822*.

incluído sob seus domínios o Distrito de Atacama.⁷ Logo, a Bolívia sustentou que o seu território abrangia a região compreendida entre os paralelos 23 e 25, delimitados pelos rios Paposo e Salado.⁸ Outro ponto relevante, dentro das interpretações bolivianas elaboradas a partir da Audiência de Charcas, foi a criação do Vice-Reino do Rio da Prata em 1776 que adquiriu a jurisdição do Distrito de Atacama, incluindo também o Alto Peru - que correspondia à Bolívia atual.

Desse modo, as divergências relativas à imprecisão na delimitação das fronteiras prosseguiram nas décadas posteriores à independência do Chile, do Peru e da Bolívia em 1818, 1821 e 1825 respectivamente. A constatação do valor mineralógico do solo da zona costeira boliviana e peruana em 1840, e o povoamento estratégico do Chile no deserto de Atacama, agravariam os litígios territoriais entre esses países.

1.2 Relações entre Chile, Peru e Bolívia após a independência

A partir da década de 1830, a lógica da competição e rivalidade entre esses países ganharia novos contornos, diante de alguns eventos como, por exemplo, a formação da Confederação Peruano-Boliviana⁹ em 1836 idealizada pelo então presidente boliviano Andrés de Santa Cruz.

A formação da supracitada Confederação possuía um viés estratégico e personalista, ao mesmo tempo em que convergia para as premissas dos principais personagens históricos responsáveis pela emancipação da América hispânica - José de San Martín e Simón Bolívar - de evitar a fragmentação das novas Repúblicas. Além disso, a criação da Confederação acarretaria na solução do problema do escoamento dos produtos bolivianos através do mar, pois à época seu único porto – Cobija – era distante e não estava devidamente ligado às regiões dinâmicas do altiplano.¹⁰

⁷ BERNAT, Gabriel. *Recopilación de las Leyes de los Reynos de las Indias*, 2016.

⁸ HOSIASSON, Laura Janine. *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 19.

⁹ De acordo com Muzzo (1961), foi uma confederação que uniu a Bolívia e o Peru a partir de um decreto firmado em 28 de outubro de 1836. Estabelecia um governo central entre esses dois países, onde ambos conservariam seus respectivos poderes executivo, legislativo e judiciário com Andrés de Santa Cruz à frente do governo com o título de “protetor” por 10 anos, podendo ser reeleito no caso de não ter sido condenado pelo Senado. Haveria a composição de um Congresso Geral composto por duas Câmaras: Senado e de Representantes. A supracitada confederação teve vigência de 1836 a 1839.

¹⁰ SANTAROSA, Felipe Costi. *Rivalidade e integração nas relações chileno-peruanas: implicações para a política externa brasileira na América do Sul*. Brasília: FUNAG, 2012, p. 78.

Diante dessa união, países vizinhos como Chile e Argentina direcionaram sua atenção para o cenário que se delineou na região. No caso chileno, despertou uma preocupação maior pois a política internacional de Santa Cruz se perfilou nitidamente contra o Chile, devido à profunda rivalidade entre o porto peruano de Callao e o porto chileno de Valparaíso. A iniciativa de Santa Cruz de declarar como livres os portos peruanos de Callao, Arica e Paita assim como o porto boliviano de Cobija, por exemplo, tinha como motivação principal dificultar a dinâmica do comércio chileno.¹¹ Outra medida implementada por Santa Cruz, que desagradou o governo chileno, foi a concessão de recompensas aos navios que atracassem diretamente no porto de Callao, para impulsionar o comércio da Confederação Peruano-Boliviana.

É importante destacar que, nas duas primeiras décadas após a independência, a economia peruana estava alicerçada nas grandes propriedades rurais – *haciendas* – cujo excedente destinado para comercialização era praticamente nulo, sendo direcionado basicamente para os mercados locais. Outro ponto relevante a se considerar no período aqui abordado é o fato de que a movimentação de mercadorias, que ingressavam nos portos peruanos, vinha através do estreito de Magalhães. Isso tornava o porto chileno de Valparaíso um ponto estratégico, pois servia como elo de ligação para os demais portos situados na costa do Pacífico Sul.¹² Logo, a aliança com a Bolívia seria bastante vantajosa para o Peru.

Fica clara, assim, a preocupação chilena diante das atitudes empreendidas por Santa Cruz. É compreensível imaginar que a postura dos países confederados visando alcançar patamares de superioridade, no que concerne ao comércio da região, prenunciava um conflito contra o Chile - o que de fato se consumou. Não sendo o foco da abordagem aqui proposta, cabe apenas a ressalva de que o supracitado conflito disputado pelo Chile contra a Confederação Peruano-Boliviana, iniciado em 1836 - e que aconteceu mesmo com a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e

¹¹ MUZZO, Gustavo Pons. *Historia del Peru*. Lima: Editorial Universo S.A., 1961, p. 152.

¹² BONILLA, Heraclio. O Peru e a Bolívia da Independência à Guerra do Pacífico. In: BETHELL, Leslie (Coord.). *História da América Latina: Da independência a 1870*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2004, p. 542-543.

Navegação¹³ em 1835 - durou três anos, resultando na vitória chilena e na dissolução da Confederação.

A vitória chilena não apenas elevou o prestígio desse país, como também pôs fim à tentativa de unificação entre o Peru e a Bolívia. Pode-se constatar, desse modo, o início da hegemonia chilena na costa do Pacífico Sul já que a vitória contra a Confederação Peruano-Boliviana elevou o domínio chileno dos fluxos comerciais na região pelo porto de Valparaíso. O Chile ganharia maturidade nas conduções de seus interesses no plano internacional.¹⁴ Fundamentado nesse raciocínio, é conveniente discorrer que, a partir de então, se criou uma perspectiva de tensão e rivalidade que agravaria a crise das relações entre Chile, Bolívia e Peru nas décadas seguintes.

Seguindo essa análise é possível observar, também, que a partir de 1840 a situação econômica, o ambiente político e principalmente os recursos militares dos países aqui mencionados, seriam afetados trazendo consequências para o desempenho na Guerra do Pacífico. Para ilustrar esse argumento, trazemos o contexto do governo boliviano em 1841. Apesar da relativa estabilidade política no período em que José Ballivián presidiu a Bolívia, a situação do exército daquele país já projetava os futuros contratempos que encontrariam para lidar com eventuais atitudes hostis de países vizinhos. As palavras de Herbert Klein sobre o momento vivido pelo presidente boliviano Ballivián são esclarecedoras ao destacar que:

Naquele momento, ele enfrentava um exército hipertrofiado que tinha absorvido quase a metade do orçamento nacional e que tinha um general para cada cem soldados. Ao estabelecer doações especiais de terras e pensões, Ballivián tentou desmontar a máquina de guerra boliviana e diminuir seu peso na política nacional. O número de soldados e de oficiais foi reduzido e ainda foram implantadas algumas “colônias militares” nas terras baixas orientais.¹⁵

A economia boliviana na década de 1840 teve forte estagnação, o que fez com que a Bolívia mantivesse um constante déficit em sua balança comercial. Ainda de acordo com Klein:

¹³ De acordo com Santarosa (2012), foi um tratado que estipulou o fim do contencioso tarifário, ao estipular preferências recíprocas tanto para o comércio chileno, assim como para a Confederação Peruano-Boliviana.

¹⁴ SANTAROSA, 2012, p. 81.

¹⁵ KLEIN, Herbert S. *História da Bolívia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016, p. 159-160.

A cada ano, desde 1825 até bem entrada a década de 1850, a Bolívia teve um déficit nas contas de seu comércio legal, que somente pôde ser resolvido por meio da exportação ilegal de prata e do ativo comércio de contrabando. Assim, O Banco de Compras de Minerais, de propriedade do governo tinha cada vez mais dificuldades para cobrar impostos de toda a prata que era produzida no país, enquanto as perdas do governo devido aos itens ilegalmente exportados parecem ter sido bastante elevadas.¹⁶

Consequentemente, o ambiente interno de desequilíbrio fiscal foi refletido no cotidiano dos cidadãos bolivianos e na área militar, que teve boa parte de seus recursos reduzidos pois “os déficits do governo eram um fenômeno constante, à medida que os gastos, especialmente os de natureza militar, ultrapassavam em muito os recursos do tesouro do Estado.”¹⁷ Para se ter uma noção, o exército boliviano da época teve o seu efetivo reduzido para uma força que variava entre 1.500 e 2.000 homens no período posterior à Confederação Peruano-Boliviana. Anteriormente, possuía uma média de cinco a dez mil homens em suas fileiras. O contingente exíguo que permaneceu após os cortes era responsável, por exemplo, por controlar uma população de aproximadamente 1.800.000 pessoas na década de 1850.¹⁸ Esses números comprovam o início do desmanche das forças militares bolivianas.

Os caudilhos¹⁹ que assumiram o poder na Bolívia após a queda de José Ballivián entre 1848 a 1880 pareciam projetar um cenário interno de crise política. Contudo, ao contrário das expectativas negativas sobre os rumos de sua economia, uma série de empreendimentos dariam fôlego para a Bolívia. A implantação de engenhos a vapor na indústria mineira no altiplano, assim como no litoral boliviano, proporcionou o crescimento da mineração na Bolívia e coincidiu com o momento das descobertas dos primeiros depósitos de nitrato de potássio - salitre - em 1857 na província litorânea de Atacama, à beira do Pacífico Sul. O deserto de Atacama começaria, definitivamente, a ser cobiçado para fins comerciais.

As análises sobre o supracitado recurso mineral serão devidamente efetuadas no próximo tópico da presente monografia, sendo importante mencionar que para o

¹⁶ Ibid., p. 164-165.

¹⁷ Ibid., p. 165.

¹⁸ Ibid., p. 175.

¹⁹ Líder cujo carisma e medidas populistas atraíam a população para suas causas. Os governos dos caudilhos na América Latina foram marcados por corrupção e guerras civis.

objetivo aqui proposto - encontrar os motivos da superioridade chilena na Guerra do Pacífico - a questão da redução dos gastos militares na Bolívia após a derrota da Confederação Peruano-Boliviana, ganha maior relevância.

No que concerne à situação econômica e militar peruana, vista após a guerra contra o Chile em 1836, a perspectiva foi mais otimista. Em 1845, sob a presidência de Ramón Castilla, o Peru iniciou um momento de paz interna e progresso. Isso porque, Castilla resgatou o prestígio econômico no exterior com o cancelamento da dívida externa²⁰ e com a ordenação das finanças do Estado, através dos lucros obtidos com a venda do guano nos mercados europeus pelo sistema de consignação.²¹ Demonstrando maior responsabilidade com seus gastos, o Peru também implantou um sistema de cálculo de receitas, que proporcionou ao Estado um controle maior de seu orçamento dando condições para saber exatamente quanto dispunha para investir.²²

Não é de se estranhar que durante o período do governo de Castilla os gastos em áreas vitais, como a militar, tenham sido conduzidos de modo coeso. Percebendo os problemas de defesa nacional que acometiam o Peru, “se preocupou o presidente em dar ao exército a capacidade técnica necessária e dota-lo com armamento moderno, reabrindo também o Colégio Militar que funcionava em Bellavista.”²³ Investimentos nas forças navais peruanas foram realizados, com a compra das fragatas *Mercedes* e *Amazonas*, além de dois bergantins batizados de *Guisse* e *Gamarra*. Além disso, o Peru reforçou suas instalações navais com a construção de um estaleiro no porto de Paita - localizado no extremo norte do território peruano, próximo da fronteira com o Equador - que recebeu o primeiro navio de guerra a vapor de um país sul americano, o navio *Rímac* em julho de 1847.²⁴

O sucessor do presidente Castilla, José Echenique, também prosseguiu com os investimentos peruanos na área militar, adquirindo a partir de 1851 as fragatas *Apurímac* e as escunas *Tumbes* e *Loa*. Nesse momento, a força naval peruana encontrava-se bem equipada, se comparada com os demais países da costa do Pacífico Sul.

²⁰ MUZZO, 1961, p. 162.

²¹ Contreras e Cueto (2010) explicam que o sistema de consignação consistia na entrega do guano para representantes do Estado onde esses o vendiam na Europa. Uma vez que a venda fosse efetuada, o dinheiro retornava ao erário peruano.

²² MUZZO, 1961, p. 164.

²³ Ibid., p. 167. Tradução livre.

²⁴ Ibid., p. 168-169.

A situação do Chile após a guerra contra a Confederação Peruano-Boliviana foi de relativa paz e estabilidade. No governo do presidente Manuel Bulnes o comércio exterior aumentou, estimulado pela navegação a vapor que a partir da década de 1840 passaria a ser fundamental para as exportações e importações chilenas. No período em tela, foi introduzida no Chile a empresa inglesa de navegação *Pacific Steam Navigation Company* - principal precursora da navegação a vapor - que tinha como principal sócio o comerciante norte americano William Wheelwright.²⁵ Esse empresário esteve a cargo de vários empreendimentos, entre eles a construção da ferrovia que ligava o Distrito de Copiapó até o porto de Caldera. Suas iniciativas incrementaram o comércio chileno sobremaneira, já que a partir daquele momento os navios passaram a contornar o estreito de Magalhães com maior facilidade.

O comércio exterior chileno cresceu vertiginosamente, impulsionando o desenvolvimento do país. O fluxo de produtos se intensificou com a exportação de prata, cobre e trigo e, em contrapartida, a importação de produtos manufaturados vindos da Europa e dos Estados Unidos como artigos de luxo - móveis, porcelana e gêneros finos.²⁶ Percebe-se um contexto de abertura econômica chilena para a inserção de capitais estrangeiros em sua economia, que a partir da década de 1850 ganhou ainda mais impulso graças ao ímpeto de capitalistas britânicos que iniciaram investimentos no deserto de Atacama.

A descoberta de grandes quantidades de reservas de salitre, ao sul do rio Loa²⁷ em 1857 pelos irmãos Latrille,²⁸ alavancou novas expedições pelo deserto de Atacama e agravou ainda mais a rivalidade entre Chile, Bolívia e Peru. A questão da delimitação das fronteiras, que até então manteve-se em compasso de espera, seria despertada com maior vigor diante da possibilidade de novas descobertas de guano e salitre nas terras áridas e pouco habitadas do Atacama. A exploração para fins comerciais desses recursos, pelo capital e empresariado estrangeiro, também foi um fator determinante para os novos imbróglis relativos à legitimidade das jazidas minerais descobertas.

²⁵ VILLALOBOS, Sergio. *Breve historia de Chile*. 11. ed. Santiago: Editorial Universitaria, 1996, p. 121.

²⁶ *Ibid.*, p. 121.

²⁷ Bermudez Miral (1963), explica que o rio Loa divide as regiões de Tarapacá ao Norte - Pampa de Tamarugal - e o deserto de Atacama ao Sul.

²⁸ De acordo com Bermudez Miral (1963), os irmãos franceses Domingo e Máximo Latrille foram os responsáveis pela descoberta accidental de salitre ao sul do Rio Loa, região onde não se acreditava existir esse recurso mineral. A partir de então, várias expedições passaram a ser empreendidas com o objetivo de encontrar o cobiçado nitrato de potássio.

Desse modo, analisaremos os principais recursos minerais que reacenderam as disputas territoriais entre Chile, Peru e Bolívia antes da Guerra do Pacífico. Demonstraremos como os acordos firmados entre os supracitados países e as atitudes imprudentes de líderes políticos bolivianos e peruanos, na gestão desses recursos, foram cruciais para agravar a tensão na região e conduzir ao fatídico conflito armado em 1879.

II A questão do salitre

Dando continuidade ao exame das relações na costa do Pacífico Sul, que culminaram na Guerra do Pacífico, analisaremos a exploração do salitre a partir da década de 1850. O valor e a importância desse recurso mineral desencadearam um vasto litígio territorial, que inicialmente foi regido por tratados estabelecidos separadamente entre os Estados. A anulação de um desses acordos, realizada unilateralmente pela Bolívia em 1878, prejudicou os interesses chilenos em Antofagasta - cidade que até então era boliviana - servindo como estopim para o início da Guerra do Pacífico em 1879.

Convém, dessa maneira, averiguar o contexto da descoberta e da exploração das reservas de guano e de salitre no deserto de Atacama, que anteriormente se restringiam ao litoral. As atitudes equivocadas de alguns personagens históricos da época foram decisivas para desencadear o conflito em tela. Como salientado no capítulo anterior, a partir de sua independência o Chile impediu a tentativa combinada do Peru e da Bolívia de firmar sua hegemonia na região, após a vitória contra a Confederação Peruano-Boliviana no ano de 1839. A partir de então

a hegemonia buscada - e obtida - pelo Chile já não se referia, como antes, meramente ao domínio dos fluxos comerciais pelo porto de Valparaíso; cuidava-se agora de assegurar a propriedade e o controle de um vasto espaço territorial – o deserto do Atacama, com seus 1.080 km de extensão – praticamente desabitado e rico em recursos naturais como o guano, a prata, o cobre e, sobretudo, o salitre.²⁹

²⁹ SANTAROSA, 2012, p. 84.

2.1 Empreendedorismo chileno no auge da exploração do salitre

Entre os anos de 1841 e 1849, se intensificou no Peru a exploração de um recurso mineral, encontrado em abundância principalmente nas Ilhas Chincha. Trata-se do guano, um fertilizante resultante da acumulação de fosfato de cálcio sobre rochas, oriundo dos excrementos de aves marinhas. É importante salientar que as propriedades fertilizantes do guano já eram conhecidas desde o império Inca. A sua utilização para fins comerciais e a comprovação científica de sua aplicabilidade é que foram realizadas posteriormente, a partir da década de 1830.³⁰ O uso desse fertilizante, inicialmente limitado, cresceu rapidamente ao longo das décadas posteriores ao supracitado período de exploração, trazendo para o Peru grandes rendimentos. Entretanto, a exaustão das melhores reservas desse material no final da década de 1860, trouxe sérios problemas para a economia peruana pois o guano representava sua principal fonte de lucro na época. Além disso, o endividamento contraído pelos empréstimos externos, respaldados nos lucros previstos desse produto, prejudicaram ainda mais o orçamento peruano.³¹

Com o esgotamento das principais fontes de guano peruanas, a atenção para as reservas de salitre descobertas no deserto de Atacama em 1857 aumentaria. O salitre, substância originada do depósito de vários sais - nitrato de potássio -, era encontrado em rochas denominadas caliche e, assim como o guano, podia ser utilizado como fertilizante. Além disso, suas propriedades permitiram o seu uso na confecção de explosivos. Nesse período, em virtude da plena inserção da América do Sul no capitalismo mundial - através do investimento direto de capitais estrangeiros nos países desse continente³² - o Chile se sobrepôs aos seus vizinhos andinos, ao investir na exploração de salitre no deserto de Atacama e por permitir a instalação de uma série de empresas britânicas com o mesmo intuito.

A partir da década de 1860, o empreendedorismo de capitalistas chilenos como Pedro Gamboni e Angel Custodio Gallo, aliado aos investimentos britânicos de

³⁰ Ibid., p. 81.

³¹ HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Historia contemporânea de América Latina*. Madrid: Alianza, 1986, p. 157.

³² SANTAROSA, 2012, p. 84 - 85.

Williamson e Mac-Lean, foram exemplos do início de uma produção em grande escala nas zonas desérticas ainda não exploradas.³³

Esse interesse na exploração do deserto de Atacama é comumente atribuído à política expansionista chilena, que teria agravado o problema fronteiriço com o Peru e com a Bolívia. Entretanto, algumas evidências históricas podem auxiliar em uma análise divergente do suposto ímpeto expansionista do Chile, pois várias medidas adotadas pelo governo peruano e pelo governo boliviano serviram como respaldo para o deslocamento chileno pelo deserto de Atacama.

Para ilustrar essa situação se faz pertinente destacar que, inicialmente, o desenvolvimento da indústria salitreira era realizado de modo quantitativo. Em outras palavras, funcionava com grandes números de oficinas espalhadas pelo deserto, que operavam muitas vezes de modo rudimentar - comparando-se aos métodos empregados no período colonial.³⁴ Os empreendedores chilenos e europeus se ampararam na legislação peruana de adjudicação de terras, que permitia a qualquer pessoa solicitar terrenos - sem prévia comprovação de recursos - onde “os requerimentos podiam realizar-se de fato, e não legalmente, na extensão que se considerasse conveniente, sendo facultativo fazê-lo em nome de um grupo de pessoas, que posteriormente cediam seus direitos ao verdadeiro interessado.”³⁵

No que concerne à política boliviana, o presidente Mariano Melgarejo concedeu o direito sobre a exploração do salitre para o Chile onde

acordaram em compartilhar os recursos da região de Mejillones e redesenharam a fronteira, de modo a entregar ao Chile o controle direto sobre tudo o que havia abaixo do paralelo 24. Essa era uma real fonte de renda, e os estrangeiros, principalmente os britânicos e chilenos, assinaram contratos de exportação de longa duração e arranjos especiais de concessões de ferrovias.³⁶

O supracitado acordo refere-se ao tratado de limites assinado em 10 de agosto de 1866 entre o Chile e a Bolívia, que também estipulou que as novas jazidas de salitre eventualmente descobertas entre o paralelo 23 e 25 teriam os lucros decorrentes de sua

³³ BERMUDEZ MIRAL, Oscar. *Historia del salitre desde sus origenes hasta la guerra del pacífico*. Santiago: Universidad de Chile, 1963, p. 127.

³⁴ Ibid., p. 136-137.

³⁵ Ibid., p. 137. Tradução livre.

³⁶ KLEIN, 2016, p. 179.

exploração divididos entre o Chile e a Bolívia.³⁷ Naquela altura, o Chile estava enraizado nas principais regiões de extração de salitre. Empresários norte-americanos como Henry Meiggs e George E. Church, além de empresas britânicas como a Gibbs & Co. buscaram ainda mais espaço na indústria do salitre, ocupando porções cada vez maiores no deserto de Atacama.

Após o acordo firmado entre a Bolívia e o Chile em 1866, um período de má gestão sem precedentes na política interna boliviana seria evidenciado, acarretando no aumento das concessões para o Chile no deserto de Atacama. Essa afirmação pode ser feita pois os lucros da exploração do salitre foram geridos de modo espúrio.

Para o governo boliviano, sempre em dificuldades, e cuja receita havia permanecido virtualmente estável durante 50 anos, esse interesse nos recursos costeiros era uma cornucópia inesperada que só poderia levar a uma riqueza pessoal insólita. Considerando que a maior parte dos presidentes anteriores da Bolívia tinha morrido na pobreza e no exílio, os líderes da época viram-se repentinamente cortejados por governos e por capitalistas estrangeiros, e demonstraram nem querer nem conseguir resistir às tentações.³⁸

Não cabe aqui isentar os demais países da América Latina de práticas de corrupção e atribuí-las exclusivamente à Bolívia. Contudo, essas práticas se escancararam no governo do presidente Melgarejo iniciado em 1861, o que trouxe consequências desastrosas para os rumos da política boliviana no Pacífico Sul pois

durante o seu período presidencial, o poder político começara a ser ambicionado, na Bolívia, pelo fato de abrir novas possibilidades de lucrativa corrupção: as jazidas de salitre começavam a ser exploradas graças a generosas concessões a firmas inglesas e chilenas. A Bolívia, ademais, tinha territórios contestados que estavam no centro de grandes interesses.³⁹

Pouco tempo depois da assinatura do tratado de limites de 1866, novos depósitos de salitre foram encontrados na região de Antofagasta e sua exploração foi devidamente concedida para o Chile. A presença chilena no deserto de Atacama, respaldada nas políticas bolivianas, se expandiu ainda mais logrando êxito no desenvolvimento de

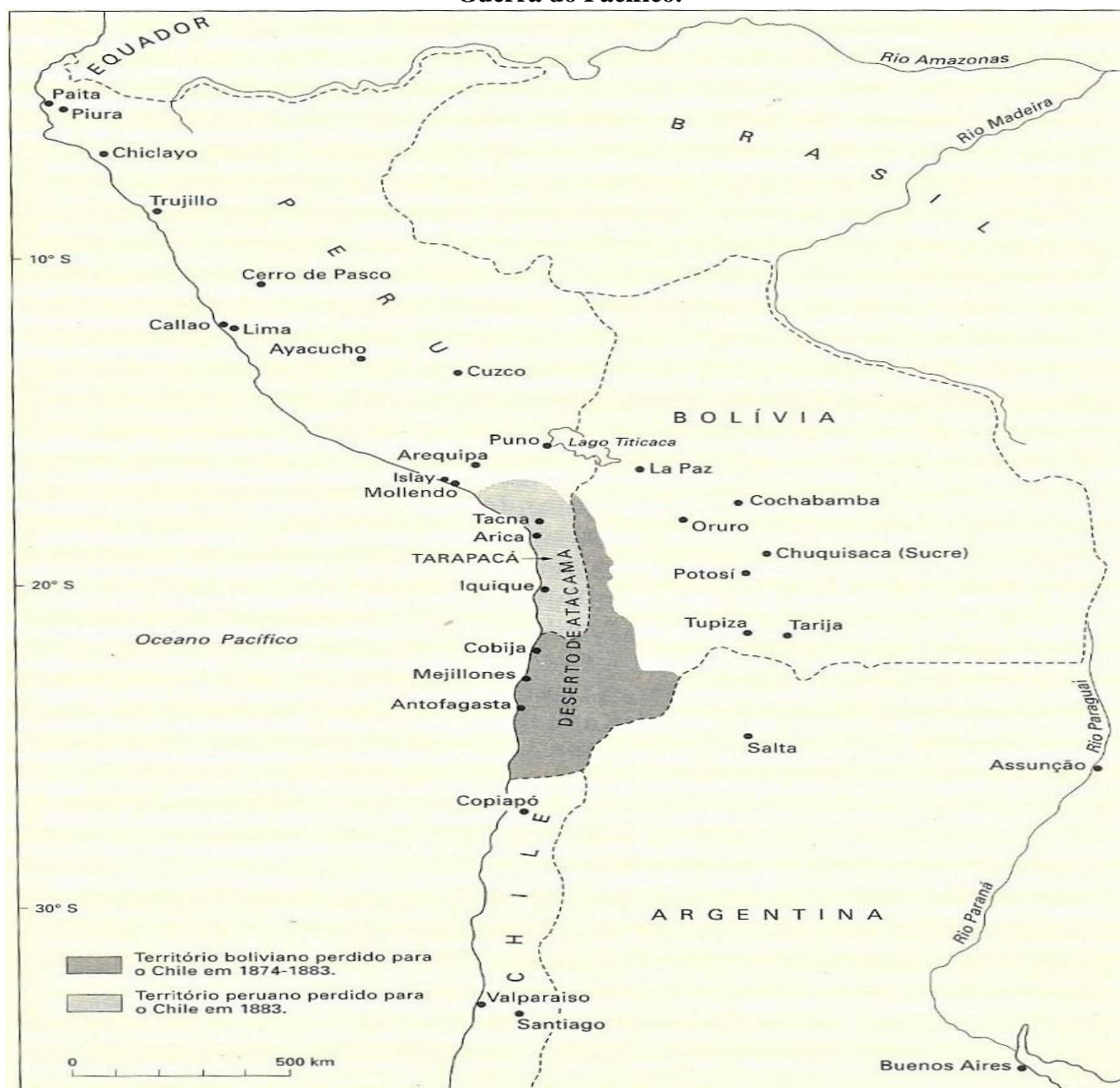
³⁷ GALDAMES, 1951, p. 466.

³⁸ KLEIN, 2016, p. 178.

³⁹ HALPERÍN DONGHI, 1986, p. 159.

assentamentos em Calama, Mejillones, Cobija e Tocopilla. Novos caminhos foram abertos e localidades desérticas tornadas habitáveis sendo que o esforço chileno também proporcionou a construção da primeira ferrovia boliviana, que ligava Antofagasta ao interior da Bolívia.

Mapa 1 - Território boliviano e peruano ocupado pelo Chile antes e durante a Guerra do Pacífico.



Fonte: BETHELL, Leslie (Coord.). 2004, p. 545.⁴⁰

⁴⁰ BETHELL, Leslie (Coord.). *História da América Latina: Da independência até 1870*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

Percebe-se, a partir de então, a presença maciça de cidadãos chilenos nos territórios da Bolívia e do Peru. Os números dos censos populacionais realizados em algumas localidades comprovam essa afirmação. Em 1875 o censo efetuado em Antofagasta estipulou que 4.530 habitantes de um total de 5.384 eram chilenos - valor correspondente a 84%. Já o censo realizado em 1876 na província peruana de Tarapacá aferiu que, de um total de 38.226 habitantes, 9.664 eram chilenos.⁴¹ Em 1878 - dois anos após o censo de Antofagasta - foi constatado que a população chilena nessa região boliviana alcançou 90%. Todas as atividades administrativas da cidade eram geridas pelos chilenos, sendo a Companhia de Salitres e Ferrovias de Antofagasta - de propriedade chilena - a responsável pela totalidade da exploração de salitre no litoral boliviano.⁴²

A predominância chilena no deserto de Atacama era incontestável. O Peru e a Bolívia não conseguiram administrar de modo adequado os recursos advindos da exploração do salitre e do guano. As políticas empregadas por esses países, na gestão dessas riquezas minerais, permitiram que o Chile consolidasse sua presença em seus territórios. No final da década de 1860, a economia do Peru encontrava-se em estado crítico, uma vez que as dívidas inerentes ao sistema de adjudicação de terras e a consignação do guano haviam gerado um quadro de déficit orçamentário e inadimplência de pagamentos.⁴³

Para dar novos rumos à economia peruana, o presidente José Balta decidiu iniciar algumas medidas para estabilizar a crise de seu país. Diferentemente da Bolívia - que sob a liderança de Melgarejo firmou acordos de concessão - Balta emitiu em 30 de novembro de 1868 um decreto determinando o fim da adjudicação livre de terrenos onde se explorava salitre, assim como estipulou um direito de quatro centavos de Sol por quintal de salitre exportado.⁴⁴

A partir de então, as numerosas concessões seriam substituídas pela concessão única para a empresa francesa de Auguste Dreyfus, que em troca ofereceria empréstimos vultuosos para o Peru. Essa iniciativa teve participação fundamental do então ministro de finanças do Peru, Nicolás de Piérola, e permitiu ao governo peruano

⁴¹ BERMUDEZ MIRAL, 1963, p.369.

⁴² Ibid., p. 366-367.

⁴³ Ibid., p. 312.

⁴⁴ “Sol” refere-se à unidade monetária peruana do período aqui abordado e “quintal” é uma denominação relativa à unidade de medida de massa.

lançar mão de capital europeu para seus investimentos. É importante destacar que, de acordo com os termos firmados com Dreyfus, o Peru só poderia obter empréstimos através dessa empresa.⁴⁵

Assim como aconteceu na Bolívia, a movimentação de grandes quantias em dinheiro acabaria se tornando fonte para a corrupção no governo peruano, uma vez que “o fácil afluxo financeiro ofereceu novas oportunidades para difundir a corrupção política, estigmatizada – com linguagem severa – pelos antigos concessionários.”⁴⁶ Isso ajuda a explicar a crise financeira na qual o Peru estaria submetido no início da Guerra do Pacífico.

Contudo, não se pode desconsiderar o intuito desse país em realizar ações para incentivar o seu desenvolvimento, uma vez que os empréstimos obtidos através da Casa de Dreyfus impulsionaram os investimentos em infraestrutura de transportes - com a construção de ferrovias. Nesse último ponto, destaca-se a atuação de Henry Meiggs, empresário norte-americano que investiu na construção de linhas férreas nas regiões de Arequipa, La Oroya e na linha que ligava Juliaca a Cuzco.⁴⁷

A relação entre os recursos requeridos por Henry Meiggs para levar adiante suas obras, e os empréstimos obtidos pelo governo peruano através de Dreyfus, originou uma trama financeira que culminou na transferência de boa parte dos recursos estatais para a construção das ferrovias de Meiggs. Consequentemente, novas despesas foram adquiridas mantendo o governo de Balta literalmente entregue nas mãos de capitalistas estrangeiros.⁴⁸

⁴⁵ HALPERÍN DONGHI, 1986, p. 157.

⁴⁶ Ibid., p. 157.

⁴⁷ BERMUDEZ MIRAL, 1963, p. 319.

⁴⁸ Ibid., p. 319-320.

2.2 Da consolidação chilena no deserto de Atacama ao início das hostilidades

O cenário político e econômico descrito no tópico anterior é fundamental para delinear a situação em que se encontravam Chile, Peru e Bolívia antes da Guerra do Pacífico. Passando a verificar a década de 1870, novas medidas relativas à gestão da exploração do salitre culminariam de vez no início da guerra. Diante da situação financeira do Peru na supracitada década, o presidente Manuel Pardo, que substituiu José Balta em 1872, realizou uma medida que trouxe consequências decisivas para os rumos das relações com o governo chileno. Trata-se da Lei do Estanco, firmada no dia 18 de janeiro de 1873 pelo então presidente Pardo, que submetia ao controle estatal a comercialização, a venda e o preço do salitre.

A atitude de Pardo gerou repercussões negativas, uma vez que o capital chileno e de outras nacionalidades europeias já estava consolidado no território peruano, como foi explicado anteriormente. Um bom exemplo para essa afirmação encontra-se na região de Tarapacá que, à época da assinatura da Lei do Estanco, possuía 40% de sua produção industrial controlada por capitais chilenos, ingleses, alemães e franceses.⁴⁹

Outro fator seria determinante para agravar definitivamente as relações entre Chile, Peru e Bolívia: o pacto de defesa mútuo firmado entre a Bolívia e o Peru no ano de 1873. Existem muitas discussões sobre a real motivação desse pacto secreto - que logo teve repercussão no continente sul americano. O principal motivo, que se sobrepõe às demais especulações históricas sobre o tratado, refere-se ao interesse comum da Bolívia e do Peru de se defenderem diante do suposto expansionismo chileno. Desse modo, essa aliança de caráter estritamente defensivo firmada em 6 de fevereiro de 1873, pretendia garantir a soberania e a integridade dos seus respectivos territórios, assim como garantir o apoio recíproco diante de alguma eventual agressão externa.

Após estabelecerem conjuntamente esse acordo, Bolívia e Peru propuseram a adesão da Argentina ao pacto. A república platina, governada à época por Domingo Sarmiento, encontrava-se em disputas fronteiriças com Chile envolvendo a região da Patagônia e o controle do Estreito de Magalhães. Logo, a proposta parecia conveniente pois isso encurralaria o Chile em todas as possíveis frentes de batalha - no caso de uma guerra - e permitiria à Argentina se sobrepôr aos interesses chilenos na região disputada.

⁴⁹ BERMUDEZ MIRAL, 1963, p. 329.

Contudo, apesar de obter aprovação na Câmara dos Deputados argentina, a proposta foi protelada pelo Senado, que propôs sua ratificação na legislatura seguinte, o que não aconteceu.⁵⁰ Tendo em vista o cenário político catastrófico em que poderia estar inserido, o Chile iniciou uma política de aproximação com a Argentina, o que afastou a possibilidade de adesão desse país ao pacto firmado entre Peru e Bolívia. Ademais, a Argentina tinha consciência de que o Brasil - sua principal hipótese de guerra - poderia aliar-se ao Chile no caso de um conflito. Desse modo, não convinha expor-se por uma questão que sequer lhe atingia diretamente.⁵¹

Novamente retomando a análise sobre a conduta de determinados estadistas, que resultaram em consequências decisivas para o início da Guerra do Pacífico, voltamos ao cenário boliviano. No ano de 1876, o general Hilarión Daza assumiu o poder na Bolívia e realizou uma série de medidas que comprometeram a estabilidade econômica do país antes e durante a guerra contra o Chile.

Diante de pressões sofridas principalmente por parte do oficialato do exército boliviano, Daza efetuou reformas fiscais desastrosas tais como empréstimos fictícios e concessões especiais para empresários. Isso acarretou no acesso desmedido ao tesouro nacional boliviano por especuladores estrangeiros e nacionais,⁵² e consequentemente gerou “um ambiente potencialmente explosivo à medida que as conflitivas concessões políticas e as mudanças nas regras de tributação criavam uma situação tensa entre as empresas estrangeiras que operavam, com o apoio chileno, no território costeiro da Bolívia.”⁵³

Além disso, a inabilidade de Daza para conduzir a exploração de salitre nas regiões litorâneas e no altiplano também seria evidenciada uma vez que

as autoridades bolivianas tinham autorizado que se desenvolvesse esse estranho estado de coisas devido às suas necessidades de recursos e à incapacidade dos capitalistas nacionais de desenvolverem estes desertos anteriormente vazios. Mas as lideranças militares foram ficando cada vez mais desesperadas, uma vez que elas haviam esvaziado o tesouro e descoberto que sua nova fonte de rendimentos apenas poderia vir desses mesmos centros costeiros.⁵⁴

⁵⁰ MUZZO, 1961, p. 190-191.

⁵¹ HOSIASSON, 2011, p. 77.

⁵² KLEIN, 2016, p. 185.

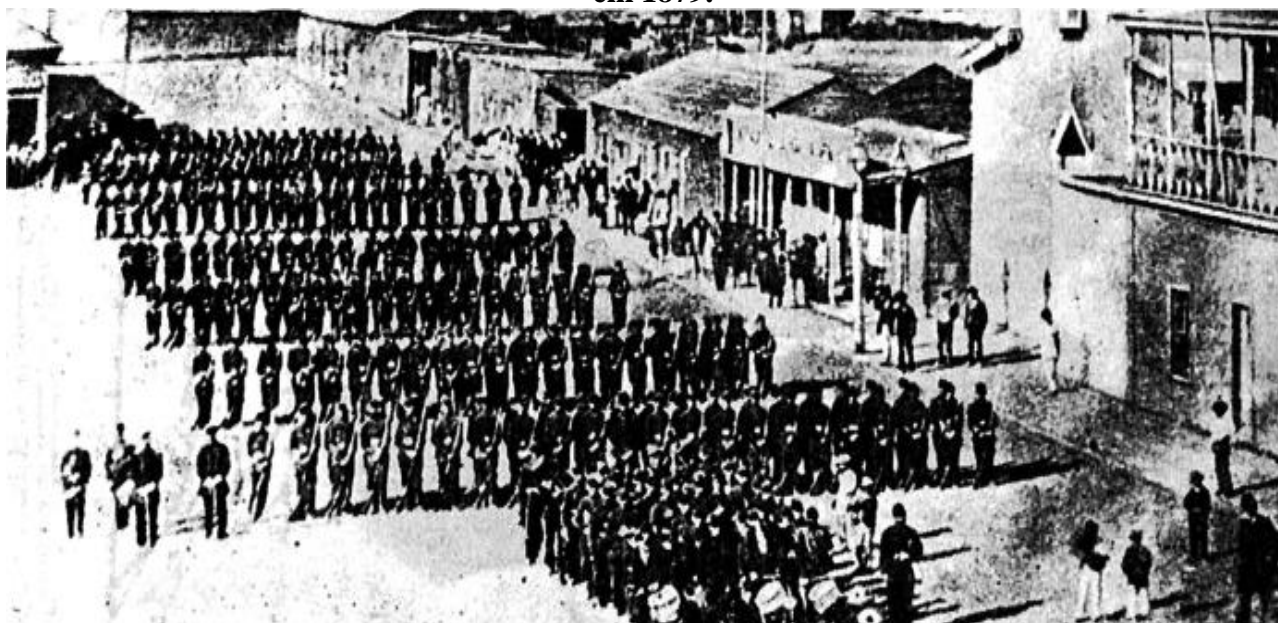
⁵³ Ibid., p. 185.

⁵⁴ Ibid., p. 187.

Em 1878 as hostilidades entre Chile e Bolívia, por fim, começaram. Nesse ano, o Congresso boliviano - com o consentimento de Hilarión Daza - aprovou um imposto de dez centavos por quintal de salitre exportado pela Companhia de Salitres e Ferrovias de Antofagasta, o que contrariava o acordo de limites firmado com essa empresa em 1874. Esse acordo, que fora violado de modo temerário por Daza, estabelecia que a Bolívia poderia tributar as exportações de salitre do Chile compreendidas entre o paralelo 23 e 24, mas que o valor cobrado não seria aumentado dentro do período de 25 anos.⁵⁵

A recusa da supracitada companhia em pagar o imposto fez com que a Bolívia decretasse a expropriação da mesma. Por seu turno, o Chile determinou a ocupação de Antofagasta que, como foi explicitado anteriormente, era povoada majoritariamente por cidadãos chilenos. Isso explica o fato de as tropas chilenas terem sido ovacionadas quando desembarcaram em 14 de fevereiro de 1879 nessa localidade.

Figura 1 - Desfile de tropas chilenas em Antofagasta pouco depois do desembarque em 1879.



Fonte: BOLÍVIA, *El Libro del Mar*, p. 30.⁵⁶

A partir desse momento efetivava-se a ocupação do território boliviano, uma vez que os termos do acordo firmado em 1874 haviam sido descumpridos. A alegação

⁵⁵ SANTAROSA, 2012, p. 92.

⁵⁶ BOLÍVIA. *El Libro del Mar*. La Paz: Ministerio de Relaciones Exteriores de Bolivia, 2014.

chilena sustentava-se no fato de que era uma ocupação legítima pois, diante da violação do supracitado acordo, as disposições limítrofes nele contidas também seriam nulas de direito. Logo, seriam restaurados os limites estabelecidos no tratado de 1866 que concedia ao Chile a ocupação do território e a exploração dos recursos minerais abaixo do paralelo 24 - que abrangia Antofagasta.

Diante da crise que se formou, o presidente Daza recorreu ao Tratado de Aliança firmado com o Peru em 1873. Apesar de possuir uma força naval moderada, o governo peruano relutou inicialmente em aderir ao apelo da Bolívia, pois estava despreparado militarmente para o conflito que se aproximava.⁵⁷ O Peru chegou a enviar para o Chile seu ministro plenipotenciário, José Antonio de Lavalle, com o objetivo de negociar uma solução pacífica para a situação em tela. Contudo, todo o desgaste e os longos impasses históricos aqui assinalados, prenunciavam o caminho que o Chile, a Bolívia e o Peru encontrariam para solucionar definitivamente as divergências relativas à legitimidade territorial e à exploração de salitre. Esse caminho seria através das armas, tendo a Bolívia enviado formalmente a declaração de guerra contra o Chile em março de 1879.⁵⁸ Com sua tentativa de manter-se neutro dificultada pelo tratado de 1873, as negociações peruanas foram frustradas em 5 de abril de 1879, data em que o Chile declarou guerra contra a Bolívia e também contra o Peru. Iniciava-se, assim, a Guerra do Pacífico.

III Forças militares chilenas, peruanas e bolivianas no início da Guerra do Pacífico do Pacífico

Nenhum país poderia antever o resultado da guerra que começou em 1879. Apenas especulações poderiam ser feitas, pois ambos os lados envolvidos possuíam vantagens e desvantagens que só seriam comprovadas no calor do conflito. Bolívia e Peru teoricamente iniciariam a guerra com superioridade, pois contavam com uma população e território maiores - o que poderia refletir em exércitos mais expressivos. Por sua vez, o Chile estava bem organizado politicamente e suas tropas dispunham de

⁵⁷ SANTAROSA, 2012, p. 93.

⁵⁸ Ibid., p. 93.

melhores recursos e preparo, pois estavam habituados ao combate após décadas de confrontos contra os mapuches⁵⁹ na região da Araucânia.⁶⁰

A qualidade logo iria se sobrepor à quantidade, determinando os rumos da guerra a favor do Chile. “Ainda que o Peru contasse com uma população de 2.800.000, maior do que a do Chile - de dois milhões -, não dispunha, como tampouco a Bolívia, de um exército coeso.”⁶¹ Além disso, a qualidade de muitos oficiais do exército do Peru era contestável. Apesar de possuir uma academia militar, criada em 1823, essa instituição tinha seu funcionamento esporádico, o que debilitou a formação dos oficiais peruanos e acarretou em desempenhos insatisfatórios durante a Guerra do Pacífico.⁶² Esses oficiais eram, em sua maioria, da elite *criolla* e tinham uma realidade muito distinta se comparada com a dos soldados que comandariam. Provinham de um mundo urbano, enquanto as tropas eram compostas majoritariamente por indígenas que falavam outro idioma.⁶³ Isso seria um fator decisivo pois, dos três países envolvidos na Guerra do Pacífico, o Chile era o que menos possuía indígenas nas fileiras do seu exército.⁶⁴ Logo, as ordens dadas para as tropas chilenas poderiam ser compreendidas e executadas facilmente, dando maiores resultados nas operações militares durante a guerra.

A situação do oficialato boliviano também não era favorável. Os militares daquele país careciam de instituições de um exército moderno. Quando formado, o seu Estado-Maior consistiu literalmente em um depósito de oficiais indignos de confiança para lidar com as tropas no campo de batalha.⁶⁵ Esse cenário seria comprovado logo no início da guerra. Como descrito no final do capítulo anterior, em fevereiro de 1879 o Chile iniciou a ocupação do território boliviano através do porto de Antofagasta. Contando com o apoio da população local, o exército chileno estabeleceu nessa região sua plataforma inicial para, posteriormente, dar continuidade ao avanço no território inimigo.

⁵⁹ Povos indígenas, também conhecidos como araucanos, que habitam a região centro-sul do Chile e o sudoeste da Argentina. O espírito aguerrido e a resistência dos mapuches são conhecidos desde os tempos coloniais.

⁶⁰ SANTAROSA, 2012, p. 94.

⁶¹ CONTRERAS, Carlos; CUETO, Marcos. *Historia del Perú contemporáneo: desde las luchas por la independencia hasta el presente*. 4. ed. San Miguel: Pontifica Universidad Católica del Perú, 2010, p. 163. Tradução livre.

⁶² SATER, William F. *Andean Tragedy: Fighting the War of the Pacific, 1879-1884*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2007, p. 48.

⁶³ CONTRERAS; CUETO, op. cit., loc. cit.

⁶⁴ HOSIASSON, 2011, p. 71.

⁶⁵ SATER, op. cit., p. 50-53.

Quando a Bolívia conseguiu mobilizar um exército de 4.000 soldados e levá-los até a costa, os chilenos já estavam atacando os portos peruanos de Iquique e Tacna, o que demonstra a lentidão dos oficiais bolivianos em organizar uma defesa consistente. O general Hilarión Daza, que comandou tropas bolivianas na costa peruana,

mostrou ser um general ainda pior do que fora político. Apesar de todos os esforços das tropas, a péssima qualidade do generalato boliviano levou à derrota inevitável, de modo que os chilenos conseguiram o controle total dos mares e puderam se espalhar à vontade ao longo do litoral.⁶⁶

As forças militares do Chile divergiam das forças inimigas em vários pontos. Os integrantes do seu corpo de oficiais, por exemplo, ingressavam no exército após completar o curso de formação na escola militar fundada por Bernardo O'Higgins. Apesar de não ter preparado os oficiais plenamente para o estilo de guerra moderna que aconteceu em 1879, a educação recebida na supracitada escola seria um fator diferencial. Juntamente com as habilidades militares adquiridas ao longo de anos de confrontos contra os índios na Araucânia, as instruções recebidas na escola militar supracitada deram melhores condições ao exército chileno durante a Guerra do Pacífico. Isso porque, as experiências do exército boliviano consistiam basicamente em reprimir rebeliões ou motins.⁶⁷ Outra diferença importante reside no fato de que o exército chileno, no início da Guerra do Pacífico, era composto por soldados voluntários.⁶⁸ Os que eventualmente fossem dispensados, deveriam cumprir um período de serviço na Guarda Nacional chilena que, apesar de não ser uma unidade do exército, poderia ser mobilizada caso necessário. Os indivíduos alistados deveriam se reunir aos domingos ou nas datas festivas para receberem instruções militares.⁶⁹

Após as considerações assinaladas, podemos compreender o contexto em que as forças militares do Chile, da Bolívia e do Peru se encontravam no início da guerra. As questões de ordem logística e militar não desmerecem o esforço e o empenho dos homens que morreram durante o conflito. Contudo, a diferença entre a liderança

⁶⁶ KLEIN, 2016, p. 169.

⁶⁷ SATER, 2007, p. 68-69.

⁶⁸ Ibid., p. 59.

⁶⁹ CHILE. *Historia Militar de Chile, Tomo II*. 3. ed. Santiago: Geniart, 1997, p. 88.

exercida pelos oficiais chilenos em contraposição à exercida pelo exército boliviano e peruano ajudam a entender os rumos que a guerra tomou.

3.1 Análise do teatro de operações e comparação das forças marítimas

Iniciada a Guerra do Pacífico, com a já mencionada ocupação do porto boliviano de Antofagasta, a tática chilena consistiu em mensurar a extensão do teatro de operações em que se desenrolariam as batalhas. As campanhas terrestres aconteceram longe dos centros urbanos, na região limítrofe que alcançava as zonas compreendidas entre o porto de Antofagasta e a cidade de Tacna, no Peru. Logo, as operações militares consistiriam no deslocamento para essas regiões afastadas, onde um ambiente implacável aguardava os homens que se lançariam na guerra. Para exemplificar, “o terreno acidentado, limitado de um lado pela cordilheira dos Andes e de outro pelo oceano Pacífico, perfilava-se através de enormes quebradas e escarpas ou estendia-se em vastas planícies desérticas onde a água escasseava ou simplesmente não existia.”⁷⁰ Com essas características, não é de se espantar que as tropas dos três países envolvidos na guerra passariam por diversas penúrias, onde iriam se sobressair os mais fortes.

A execução das operações militares nesse terreno significava um plano que abarcasse todas as características e necessidades de uma guerra, cujo cenário era o deserto. O Chile sabia que sua conquista exigia, antes de tudo, o domínio do mar pois isso faria com que o fornecimento de suprimentos para os seus inimigos fosse cortado. O presidente chileno Aníbal Pinto havia mencionado, inclusive, que a primeira campanha contra o Peru seria marítima e vencida a guerra naval, o campo de batalha seria o Peru.⁷¹

Nesse ponto, percebe-se a vantagem chilena perante seus rivais, uma vez que “no plano naval, o Chile tinha recebido, havia pouco tempo, modernos navios de guerra, enquanto a marinha peruana era pouco mais do que simbólica e a boliviana simplesmente inexistia.”⁷² Fica evidente, a partir de então, a estratégia chilena de dominar o teatro de operações marítimo antes de iniciar as operações terrestres

⁷⁰ HOSIASSON, 2011, p. 33.

⁷¹ BERMUDEZ MIRAL, 1963, p. 390.

⁷² DORATIOTO, Francisco. *Espaços Nacionais na América Latina: Da Utopia Bolivariana à Fragmentação*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 66.

decisivas. Até porque, seis meses após a declaração de guerra, nenhuma ação terrestre de relevância havia se desenvolvido pois as forças chilenas aguardavam o momento certo para se lançarem sobre o território inimigo.⁷³ O objetivo do Chile visava a apropriação dos territórios bolivianos e das regiões mineiras da costa peruana.

A marinha chilena dispunha de navios modernos de produção britânica tais como o *Almirante Cochrane* e o *Almirante Blanco Encalada*. Consistiam em dois couraçados com motores alimentados a carvão, além de três mastros que proporcionavam maior velocidade ou poderiam ser utilizados no caso do carvão se esgotar. Seu armamento incluía três canhões: um de vinte libras, outro de nove libras e o terceiro de sete libras. Possuíam torpedos de mastro e uma espécie de esporão dianteiro, destinado a romper a parte submersa do navio inimigo com a colisão e afunda-lo. Além desses navios, a marinha chilena possuía as corvetas *O'Higgins*, *Magallanes* e *Chacabuco*, uma chalupa - *Esmeralda* - e uma escuna - *Covadonga*.⁷⁴

No desenrolar da Guerra do Pacífico, o Chile ainda tentou adquirir navios de guerra adicionais para sua frota naval. Essa tentativa foi indeferida, pois algumas leis de neutralidade da época impediam sua venda. Entretanto, isso não impediu que o governo do presidente Aníbal Pinto improvisasse, adaptando navios comuns para fins bélicos. Como exemplo, converteu os navios de transporte *Angamos*, *Loa*, *Toltén* e *Amazonas*.⁷⁵

Ao comparar com a marinha peruana no início da Guerra do Pacífico, percebe-se uma ligeira desvantagem com relação à chilena. O Peru contava com dois navios de produção britânica - *Huáscar* e *Independencia* - sendo o primeiro o mais poderoso da marinha peruana. Ele possuía o casco fortificado e um de seus mastros estavam no topo da superestrutura que se estendia desde a traseira da torre até a popa, criando uma espécie de tela blindada que permitia ao comandante do navio direcionar o fogo dos canhões, ao mesmo tempo em que guiava a embarcação durante a batalha.⁷⁶ Assim como os couraçados chilenos, esses navios contavam com uma combinação de mastros e motores para sua propulsão. A marinha do Peru também possuía dois monitores - encouraçados de menor porte - o *Manco Cápac* e o *Atahualpa* além de embarcações de navegação fluvial adaptadas para a guerra no mar.⁷⁷

⁷³ BERMUDEZ MIRAL, op. cit., p. 394.

⁷⁴ SATER, 2007, p. 97-99.

⁷⁵ Ibid., p. 99.

⁷⁶ Ibid., p. 100.

⁷⁷ Ibid., p. 101-102.

No que concerne à marinha boliviana, como foi dito anteriormente, era inexistente. Contudo, isso não impediu que a Bolívia tomasse iniciativas visando auxiliar seu aliado, Peru, nas campanhas navais. O ministro das relações exteriores boliviano, Serapio Reyes Ortiz, anunciou ao governo peruano que a Bolívia enviaria frotas navais compostas por corsários. A ideia foi aprovada pelo então presidente Hilarión Daza que, em 26 de março de 1879, disponibilizou permissões para serem adquiridas por qualquer proprietário de embarcação naval disposto a navegar sob as cores da bandeira da Bolívia.⁷⁸ A atitude do governo boliviano desagradou não apenas a comunidade internacional mas também o Peru pois gerou o temor de que corsários realizassem pilhagens em navios neutros, respaldados na proposta boliviana. A iniciativa de Daza foi amplamente criticada por países como Estados Unidos, França e Inglaterra e diante dos transtornos causados, o Peru desencorajou a atitude de seu aliado. A situação acabou sendo resolvida pelo curso da guerra uma vez que, após a ocupação do litoral boliviano pelo Chile em 1879, a viabilidade prática desse plano ficou impossibilitada.⁷⁹

3.2 Comparação das forças terrestres

O início da guerra em 1879 forçou as três nações envolvidas a modificar o efetivo de seus respectivos exércitos. Em todos os conflitos armados, o desenrolar das campanhas faz com que cada lado repense suas estratégias e redistribua os seus recursos de modo adequado para atender suas demandas. O que nos interessa nesse ponto é analisar as forças que compuseram os exércitos do Chile, do Peru e da Bolívia no início da Guerra do Pacífico e visualizar suas diferenças.

Apesar de possuir restrições diante de uma guerra de longa duração, o exército chileno apresentava vantagens se comparado com os exércitos de seus inimigos. Além dos pontos já assinalados - como o fato de terem seu corpo de oficiais formados em uma escola militar mais eficiente e da experiência adquirida na luta contra os mapuche - o exército chileno havia padronizado as armas de suas tropas. A infantaria utilizava o rifle francês de fabricação belga Comblain, enquanto os homens de artilharia utilizavam

⁷⁸ Ibid., p. 103.

⁷⁹ Ibid., p. 102-103.

carabinas Winchester e a cavalaria carabinas Spencer.⁸⁰ Para a época, as unidades chilenas possuíam armamentos melhores do que seus rivais. Com a demanda de mais armas durante a guerra, o governo chileno adquiriu 21.799 rifles Gras, modelo 1874, de fabricação francesa. Esses novos rifles acabariam sendo modificados para suportar os mesmos cartuchos utilizados pelo rifle Comblain evitando, assim, a falta de munição de suas tropas.⁸¹

Nas primeiras semanas do mês de maio de 1879 o efetivo do exército chileno, que ocupou a província de Antofagasta, possuía 7.200 homens dos quais 5.700 estavam designados para o início das ofensivas, enquanto os 1.500 restantes formaram um perímetro defensivo no interior de Antofagasta.⁸² Estavam divididos em cinco batalhões de infantaria, dois regimentos de cavalaria e um regimento de artilharia.⁸³ Além disso, poderiam contar com o apoio do efetivo de sua Guarda Nacional que, em tempos de guerra, mobilizava homens para auxiliar as forças regulares. Em 1879 a Guarda Nacional chilena era composta por 49.550 homens, onde 14.550 formavam dois regimentos de infantaria móvel e o restante formava uma força estática de pronto emprego.⁸⁴ No que concerne à artilharia chilena, suas principais peças consistiam em dezesseis canhões de montanha Krupp - doze de 60 milímetros e quatro de 78,5 milímetros - além de seis metralhadoras Gatling.⁸⁵

Ao comparar o efetivo do exército chileno com as forças aliadas do exército peruano e boliviano nos primórdios da Guerra do Pacífico, é possível perceber que, numericamente, o Chile estava em desvantagem. As fileiras do exército peruano contavam com 6.160 homens divididos em oito batalhões de infantaria, três regimentos de cavalaria e dois regimentos de artilharia. Possuía, além disso, 65.000 homens em sua Guarda Nacional.⁸⁶ Apesar da vantagem numérica, o exército peruano possuía equipamentos e armamentos inferiores se comparados aos chilenos. Utilizavam o rifle francês Chassepot modelo 1866 - que foi aposentado pela França uma década antes da Guerra do Pacífico - de baixa qualidade, e que utilizava cartuchos de papel, ou seja, o

⁸⁰ SATER, 2007, p. 61.

⁸¹ ESPOSITO, Gabriele. *Armies of the war of the pacific 1879-1883: Chile, Peru & Bolivia*. Bloomsbury: Osprey Publishing, 2016, p. 23.

⁸² EKDAHL, Wilhelm. *Historia militar de la Guerra del Pacífico entre Chile, Perú y Bolivia, Tomo I. Orígenes de la guerra, Campaña naval, Conquista de Tarapacá*. Santiago: Universo, 1919, p. 177.

⁸³ CHILE, 1997, p. 83 - 84.

⁸⁴ ESPOSITO, op. cit., p. 21.

⁸⁵ CHILE, op. cit., p. 91.

⁸⁶ Ibid., p. 95.

projétil e a pólvora ficavam envoltos por um papel em formato cilíndrico. Também possuíam 1.417 rifles Snider-Enfield de tiro único e retrocarga.

O governo peruano tentou comprar novos armamentos, como o rifle Comblain utilizado pelo exército chileno. As demandas do mercado internacional, entretanto, frustraram essa tentativa. Quando conseguiram adquirir novas armas no decorrer da guerra - tais como o rifle britânico Martini-Henry e o espanhol Remington - antes do bloqueio naval chileno, a variação de munições gerou confusão e impediu em diversas ocasiões a utilização das novas armas.⁸⁷

A artilharia peruana contava com 28 peças variadas, sendo as principais os canhões britânicos Blakely e as metralhadoras Claxton e Gatling. O Peru tentou adquirir doze canhões Krupp que, entretanto, não foram entregues para o seu exército diante do embargo da Argentina.⁸⁸

Por fim, o exército boliviano dispunha de 2.975 homens em suas fileiras, entre os quais, a maioria era indígena. Estavam divididos em sete unidades: três de infantaria, três de cavalaria e uma de artilharia. Era um exército bastante ligado ao presidente Hilarión Daza - chegando a exercer, muitas vezes, a função de guarda pessoal - e passou por várias reformulações após derrotas desastrosas e a consequente queda desse presidente durante o curso da guerra. A maioria da infantaria boliviana utilizava mosquetes do tipo de percussão - alimentado por espoleta - e de pederneira. A única exceção era o armamento utilizado pela divisão de infantaria denominada *colorados*, comandada diretamente por Daza, que utilizava o rifle espanhol Remington.

No decorrer da guerra, a Bolívia comprou mais 3.000 rifles Remington e recebeu de seu aliado peruano certa quantidade de rifles dos modelos que utilizavam. Sua artilharia possuía poucas peças resumidas em seis canhões Krupp de montanha e dois canhões Blakely de doze libras e antecarga.⁸⁹ Assim como o Chile e o Peru, a Bolívia também possuía uma Guarda Nacional, com um número expressivo de homens. Entretanto, ela possuía experiência praticamente nula no que concerne ao combate militar pois, assim como o exército boliviano, estava restrita ao controle de motins e rebeliões.

⁸⁷ Ibid., p. 36.

⁸⁸ Ibid., p. 37.

⁸⁹ Ibid., p. 37-39.

Desse modo, constatamos que apesar de as forças aliadas possuírem mais soldados no início da guerra, o exército chileno contava com armamentos de melhor qualidade. Além disso, o exército peruano e boliviano possuíam juntos aproximadamente 500.000 cartuchos para seus rifles - uma média de 33 cartuchos por rifle - enquanto o exército do Chile possuía 2.200.000 cartuchos do rifle Comblain - 240 cartuchos por rifle.⁹⁰

IV Das principais operações militares ao desfecho da guerra em 1883

A superioridade chilena na Guerra do Pacífico começaria nos mares. O objetivo estratégico do Chile consistiu em impor o seu domínio naval, através do qual o exército poderia assegurar paulatinamente a ocupação de porções do território inimigo. Esse domínio também isolaria as forças aliadas pois comprometeria as principais fontes de abastecimento de suas tropas. Ciente de que a manutenção efetiva da comunicação entre as tropas aliadas só poderia ser feita pelo mar, o Peru adotou uma estratégia defensiva, com ataques isolados que visaram obter vantagens parciais sobre a marinha chilena, enquanto buscavam meios de atenuar sua desvantagem naval.⁹¹ A estratégia peruana surtiu efeito nos primeiros meses da guerra em virtude do plano inicial chileno, proposto pelo almirante Williams, de bloquear o porto de Iquique.

Não obtendo os resultados esperados, o Chile partiu para a ofensiva, substituindo Williams por José Galvarino Riveros que a partir de então passou a rastrear e perseguir o *Huáscar*, navio mais poderoso da frota peruana. Alcançado esse objetivo, em 8 de outubro de 1879, a ocupação do território peruano e boliviano pôde se efetivar. Batalhas terrestres importantes como a travada em Tarapacá, ainda em 1879, seguida pelos embates em Tacna e Arica no mês junho de 1880 culminariam na ocupação de Lima entre dezembro de 1880 e janeiro de 1881.

⁹⁰ EKDAHL, 1919, p. 177.

⁹¹ Ibid., p. 187.

4.1 Campanhas navais

O início do conflito naval apresentou bastante equilíbrio entre as forças chilenas e peruanas. Em 5 de abril de 1879, o Chile adotou a estratégia de bloquear o porto peruano de Iquique. Essa atitude inicialmente concedeu certa vantagem ao Peru, tendo em vista que, por não atacar inicialmente, os chilenos acabaram fornecendo tempo precioso para o Peru reparar parte de sua frota - incluindo o fabuloso navio de guerra *Huáscar*.⁹² Em 15 de maio de 1879 a frota chilena partiu para a ofensiva a pedido do então presidente Aníbal Pinto. A partir de então, uma série de operações e confrontos aconteceram, colocando à prova a perícia de ambos os lados. No dia 21 de maio de 1879, a frota peruana conseguiu retirar o bloqueio naval de Iquique mas acabou perdendo um de seus principais navios, o *Independencia*. A perda do navio não reduziu o moral dos peruanos, posto que sua principal embarcação - *Huáscar* - sob o comando do almirante Miguel Grau, impôs perdas e danos significativos para a marinha chilena. Isso fica comprovado quando o Chile percebeu que “um dos problemas mais importantes para a continuação da guerra era a necessidade de executar reparos sérios em quase todos os navios da Esquadra. Em várias ocasiões esses se mostraram incapazes de alcançar o *Huáscar*, pelo estado deficiente de suas máquinas.”⁹³

A esquadra chilena passou a perseguir a principal embarcação peruana. Em outubro de 1879, iniciou-se a batalha naval de Angamos, após os navios de guerra chilenos rastream e localizarem com sucesso o navio de guerra *Huáscar*. Telegramas enviados por seus oficiais dos portos de Vallenar, Copiapó e Ovalle foram cruciais para essa missão. No dia 8 de outubro de 1879 o Chile finalmente conseguiu vencer a principal embarcação peruana que, após danos severos, foi finalmente capturada.⁹⁴

A batalha de Angamos foi de importância vital para o esforço de guerra do Chile, pois resultou na destruição do poder naval inimigo. Como explicado anteriormente, a Bolívia não possuía marinha de guerra de modo que a vitória em Angamos representou a incontestável superioridade chilena nos mares. Com o domínio naval assegurado, o Chile obteve a liberdade de ação estratégica que lhe permitiu atacar o inimigo onde, quando e como julgasse conveniente. E o temor peruano, do início da

⁹² CHILE, 1997, p. 102.

⁹³ Ibid., p. 114. Tradução livre.

⁹⁴ SATER, 2007, p. 156.

invasão chilena em seu território após a captura do navio de guerra *Huáscar*, se concretizou pois 20 dias após a batalha de naval de Angamos o Chile despachou, desde o porto de Valparaíso, tropas, armamentos e suprimentos sob os cuidados do capitão Patricio Lynch para iniciar as campanhas terrestres.⁹⁵

É importante destacar que o domínio dos mares não freou definitivamente as hostilidades peruanas contra a marinha chilena. Em 1880 ainda aconteceriam casos de ataques contra navios chilenos com a utilização de torpedos, que haviam sido incorporados ao arsenal naval da época a pouco tempo. Utilizado inicialmente de forma primitiva, esse recurso consistia literalmente em amarrar um torpedo ao mastro, do lado ou na proa de um navio e reboca-lo para, no momento apropriado, ser arremessado pela tripulação o mais próximo possível do navio inimigo. Uma vez submersa, a carga arremessada detonaria um pouco abaixo da linha de água no navio inimigo, causando danos muitas vezes irreparáveis.⁹⁶ Contudo, o Chile manteve suas atividades no teatro de operações marítimo até o final da guerra sem maiores dificuldades. A estratégia chilena de obter primeiramente o domínio dos mares havia triunfado.

4.2 Campanhas terrestres

Após a vitória naval de Angamos, o exército chileno se reuniu em Antofagasta, para zarpar rumo a Pisagua. Seguindo os planos do Ministro de Guerra chileno Rafael Sotomayor, o Chile sabia que Iquique era o principal porto do Peru, através do qual esse país recebia suprimentos e realizava suas exportações. Desse modo, o plano traçado por Sotomayor consistiu em realizar dois desembarques ao norte de Antofagasta, onde um pequeno contingente avançaria sobre a baía de Junín, enquanto o principal corpo de tropas desembarcaria em Pisagua. Uma vez ocupadas, essas localidades serviriam como base de apoio para ligar toda a extensão compreendida entre essas regiões o que isolaria Iquique tanto do acesso marítimo, como das porções terrestres a leste desse porto.⁹⁷ Uma vez isolado, a capitulação seria inevitável pois o Peru sofreria consequências

⁹⁵ BÚLNES, Gonzalo. *Guerra del Pacifico, de Antofagasta a Tarapacá*. Valparaíso: Universo, 1911, p. 504.

⁹⁶ SATER, 2007, p. 160-161.

⁹⁷ Ibid., p. 171.

drásticas em sua economia, tornando um esforço de guerra mínimo praticamente inviável.

O Chile pôs em prática sua estratégia no dia 2 de novembro de 1879, quando 16 navios de guerra e de transporte de tropas conduziram 10.000 homens para desembarcar na costa Peruana e iniciar os ataques em território inimigo. Até o momento, a estratégia da Bolívia e do Peru era basicamente defensiva e eventos futuros mostrariam, inclusive, que apesar da superioridade logística de seu inimigo e da destruição de seu poder naval, os aliados demonstrariam bastante confiança para defender seu território.

Iniciada a batalha em Pisagua, as forças chilenas enfrentaram 250 soldados peruanos e 950 bolivianos. Ocupando posições defensivas bem estabelecidas e com apoio de artilharia, os aliados empreenderam grande resistência mas sucumbiram diante do apoio que os navios de guerra chilenos forneceram para suas tropas.⁹⁸ Em 6 de novembro de 1879, essas posições já se encontrariam dominadas pelo exército chileno, pois a artilharia peruana remanescente havia se retirado diante das perdas impostas pela marinha do Chile.⁹⁹ O objetivo de garantir uma cabeça de praia em território inimigo havia dado certo.

Pouco tempo depois do revés aliado em Pisagua, o Chile desembarcou 6.000 soldados que avançaram e ocuparam posições estratégicas nas colinas de São Francisco, próximas da cidade peruana de Dolores. Nesse momento, a superioridade da artilharia chilena foi decisiva pois aniquilou uma porção considerável das tropas do general Juan Buendía, compostas por aproximadamente 9.000 soldados que haviam se deslocado para Dolores com o intuito de tomar as posições chilenas e frear o seu ataque.¹⁰⁰ O fogo implacável dos canhões Krupp da artilharia chilena causou desordem e espanto nas tropas aliadas, e fez com que sua cavalaria dispersasse e seus soldados de infantaria abandonassem o campo de batalha em Dolores.¹⁰¹

Diante dos rumos alarmantes que a guerra apresentou para o Peru e para a Bolívia, o presidente peruano Mariano Ignacio Prado decidiu criar uma junta de guerra em Arica com o presidente boliviano Hilarión Daza, que naquele momento comandava o batalhão *colorados* - unidade de elite do exército boliviano. Nesse momento, podemos

⁹⁸ ESPOSITO, 2016, p. 9.

⁹⁹ BARROS ARANA, Diego. *Historia de la Guerra del Pacífico: 1879-1881*. Santiago: Librería Central de Servat I C.^a, 1881, p. 147.

¹⁰⁰ ESPOSITO, op. cit., p. 9.

¹⁰¹ BARROS ARANA, 1881, p. 163.

analisar outro fator que garantiu a superioridade chilena na Guerra do Pacífico pois além do ambiente interno de desordem fiscal durante os governos caudilhistas na Bolívia e no Peru, atitudes equivocadas dos supracitados líderes foram cruciais para determinar a vitória do Chile. Essa afirmação pode ser feita, uma vez que durante a presidência de Daza “a maioria dos soldados da unidade [*colorados*] eram seus parentes ou amigos; de 593 homens 370 ocupavam patentes acima de soldado e recebiam pagamento maior.”¹⁰²

Durante o período em que ocupou a presidência da Bolívia, Daza transformou a principal unidade do exército boliviano em sua guarda pessoal. Não obstante essa prática tenha sido empregada por outros caudilhos, essa atitude não retira de Daza a responsabilidade pelo péssimo desempenho do exército boliviano durante a guerra. No dia 14 de outubro de 1879, seria colocada à prova a ineficiência dos líderes militares bolivianos.

Após as deliberações realizadas na junta de guerra em Arica, ficou acordado que Daza comandaria 3.000 homens para o sul, deslocando-se em direção das tropas que estavam aguardando em Tacna. Por seu turno, o general peruano Juan Buendía avançaria pelo norte onde encontraria Daza e passaria o comando de todo o efetivo para ele.¹⁰³ Inesperadamente, o líder boliviano deteve seu avanço e retornou a Arica. A motivação de Daza, encontrada muitas vezes na hipótese de que não queria perder o efetivo de sua principal unidade em uma marcha exaustiva pelo deserto, pegou o exército peruano de surpresa. É pertinente destacar que Hilarión Daza enfrentava forte oposição na Bolívia à época, de modo que a perda de sua unidade de elite o deixaria desprotegido. Independente da real motivação, o exército peruano teve que lutar sozinho contra as forças chilenas.

O fatídico encontro com as forças chilenas, após a deserção de Daza, aconteceu em 19 de novembro de 1879 em São Francisco. Estando com o moral reduzido e diante de um inimigo bem preparado, as tropas do general peruano Buendía se viram obrigadas a recuar.¹⁰⁴ A deserção de Daza foi um fato relevante para o curso da guerra pois reduziu o moral das tropas peruanas e criou um ambiente de incertezas entre os aliados. Após o recuo das tropas peruanas, o general Buendía conseguiu reunir 4.500 homens na

¹⁰² ESPOSITO, 2016, p. 38. Tradução livre.

¹⁰³ CHILE, 1997, p. 122.

¹⁰⁴ MUZZO, 1961, p. 206.

cidade de Tarapacá. Em 27 de novembro de 1879 o exército chileno enfrentou as forças peruanas em Tarapacá, que demonstraram bastante empenho na defesa dessa cidade. A estratégia do general Buendía, de tomar a iniciativa de ataque contra as três colunas táticas chilenas compostas por aproximadamente 2.000 soldados comandados pelo general Luis Arteaga, surtiu efeito ocasionando pesadas baixas para o exército chileno.¹⁰⁵ Estima-se que o exército chileno perdeu na batalha de Tarapacá 546 homens além de 212 feridos.

Apesar de ser considerada uma vitória do Peru, de acordo com a imprensa e com os relatos oficiais peruanos, percebemos que essa batalha consistiu, na verdade, em uma vitória técnica do Chile. Apesar de impor pesadas baixas ao exército chileno, o êxito peruano que repeliu inicialmente as tropas inimigas foi desastroso e dispendioso, uma vez que não foi capaz de neutralizar as forças chilenas remanescentes e de manter suas posições defensivas.¹⁰⁶ Isso porque, ainda no dia 27 de novembro de 1879, o exército peruano se retirou de Tarapacá diante dos rumores que 5.000 homens e três divisões de artilharia estavam se deslocando para o local para reforçar as tropas chilenas. O recuo peruano, inclusive, deixou para trás seus feridos e valiosos espólios de guerra como peças de artilharia do exército chileno, que poderiam ser de grande utilidade na defesa de Tarapacá.

Logo, percebe-se que a superioridade do Chile durante a guerra também se respaldou em decisões equivocadas de seus inimigos pois a estratégia do Peru contribuiu para que o exército chileno reorganizasse suas forças. Além disso, pouco tempo depois do recuo das tropas peruanas em Tarapacá, o presidente Mariano Ignacio Prado abandonou o Peru. Com o pretexto inconsistente de que buscaria recursos e armamentos no exterior para manter o esforço de guerra peruano, Prado demonstrou total irresponsabilidade ao partir para a Europa em dezembro de 1879 deixando para trás o Peru que, naquele momento, estava praticamente falido militar e politicamente.¹⁰⁷ Como se não bastasse a deserção de Hilarión Daza, previamente assinalada, a deserção de Prado também pode ser considerada como um fator determinante para o revés dos aliados na Guerra do Pacífico.

¹⁰⁵ ESPOSITO, 2016, p. 10.

¹⁰⁶ BARROS ARANA, 1881, p. 178.

¹⁰⁷ KLARÉN, Peter. As origens do Peru moderno, 1880-1930. In: BETHELL, Leslie (Coord.). *História da América Latina: de 1870 a 1930*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2008, p. 321.

Ao término da campanha de Tarapacá, o objetivo estratégico do Chile se pautou na destruição das forças adversárias mediante batalhas decisivas para, assim, dissolver a aliança entre Peru e Bolívia e vencer a guerra. Esse objetivo gerou divergências entre os líderes militares e a opinião pública chilena, que ansiava pelo fim do conflito. Se por um lado, desejava-se atacar rapidamente a capital peruana para aniquilar seu principal centro de poder e encerrar a guerra, de outro a destruição das forças remanescentes ao sul do território peruano também era fundamental.¹⁰⁸

Tendo como foco a cidade de Lima, os esforços de guerra do Chile passaram primeiramente por Tacna e Arica. Em 24 de fevereiro de 1880, a marinha chilena desembarcou aproximadamente 10.500 soldados de unidades de infantaria, cavalaria e artilharia na baía de Piságua para levar adiante a ocupação dessas cidades. A incursão chilena parecia ter causado mais curiosidade do que angústia para as tropas peruanas e bolivianas, visto que o próprio general boliviano Narciso Campero não sabia ao certo se a incursão chilena em Tacna era de reconhecimento ou de ataque.

Outra estratégia equivocada por parte dos líderes militares bolivianos seria novamente constatada a partir daquele momento. Em 25 de maio de 1880, pretendendo pegar as tropas chilenas desprevenidas, Campero ordenou um ataque surpresa contra as forças chilenas. O ataque falhou miseravelmente pois o comandante das tropas chilenas, Manuel Baquedano, havia determinado que nenhuma fogueira permanecesse acesa para ocultar a posição das suas unidades.¹⁰⁹ Após duas horas disparando suas armas a esmo na escuridão, as tropas peruanas e bolivianas constaram que haviam desperdiçado sua munição sem resultados concretos. A confusão foi tamanha, que as forças de Campero chegaram, em determinados momentos a tropeçar em soldados inimigos.¹¹⁰

Esse tipo de equívoco seria típico dos líderes militares bolivianos. Sob o comando de Hilarión Daza e Narciso Campero as tropas aliadas tiveram desempenhos pouco expressivos, apesar do empenho dos soldados bolivianos.

Os primeiros [Daza e Campero] se enfrentam entre si por ambições de poder e pela atribuição das responsabilidades nos desacertos estratégicos que marcam a maioria de suas decisões. Os exércitos bolivianos, conscientes da ineficácia de seus dirigentes, tentam em

¹⁰⁸ CHILE, 1997, p. 162.

¹⁰⁹ SATER, 2007, p. 231.

¹¹⁰ Ibid., p. 231.

vão tomar iniciativas próprias, mas devido à total dispersão, suas intenções também são frustradas.¹¹¹

A ineficácia de Campero durante a batalha de Tacna exemplifica claramente os motivos da superioridade chilena durante a maioria das operações terrestres da Guerra do Pacífico. Isso porque, a lógica militar esperada para a campanha de Tacna, indicava que os chilenos não deveriam triunfar com facilidade, pois a diferença entre as forças que se enfrentaram não era significativa. As tropas bolivianas e peruanas somavam aproximadamente 10.000 homens enquanto as chilenas entre 9.600 a 10.500.¹¹² Além disso, por estar defendendo uma área bem fortificada com canhões Krupp, as forças peruanas e bolivianas poderiam ter aniquilado as tropas chilenas, não permitindo sua aproximação de suas posições. Somando-se à derrota catastrófica em Tacna, em 26 de maio de 1880, a participação da Bolívia na Guerra do Pacífico seria praticamente nula a partir dessa data pois as tropas bolivianas remanescentes se refugiaram em regiões montanhosas, deixando todo o peso da guerra nas mãos do Peru.¹¹³

Após o revés em Tacna, e não contando mais com o apoio efetivo de tropas bolivianas, o exército peruano reforçou sua postura defensiva no teatro de operações terrestre. Desse modo, a estratégia do Peru consistiu em reunir homens na cidade de Arica com o intuito de conter o avanço chileno. Aproximadamente 2.000 soldados se juntaram nessa cidade fortificada que, naquele momento, não contava com uma comunicação eficiente com as demais cidades peruanas. Na prática, estavam por conta própria.¹¹⁴ Apesar da resistência heroica dos soldados peruanos, em 7 de junho de 1880 a cidade foi tomada por uma força composta por 4.000 soldados chilenos, o que tornou a ocupação de Lima questão de tempo.

Estando bastante desgastado, o ambiente político no Peru encontrou resistência para a continuidade da guerra que, no entanto, seguiu firme diante da vontade do presidente Nicolás de Piérola. Contudo, nos seis primeiros meses de 1880, o Peru já não possuía forças militares suficientes para defender os seus interesses. Consideramos que, se o presidente Piérola ponderasse as reais circunstâncias do exército aliado naquele momento, poderia ter proposto um tratado de paz com o Chile no início de seu governo

¹¹¹ HOSIASSON, 2011, p. 94.

¹¹² SATER, 2007, p. 246.

¹¹³ EYZAGUIRRE, Jaime. *Chile y Bolivia, esquema de um processo diplomático*. Santiago: Editora Zig-Zag, 1963, p. 41.

¹¹⁴ ESPOSITO, 2016, p. 12.

e evitado maiores prejuízos para o seu país. Até porque, na Bolívia, a situação política também estava conturbada. Mesmo com o apoio da Assembleia Nacional boliviana, que foi favorável à continuidade da cooperação militar com o Peru na guerra,¹¹⁵ entendemos que naquele momento o apoio boliviano representou uma ação meramente política pois na prática não tinham mais condições de ajudar o Peru.

A guerra prosseguiu, tendo o exército chileno finalmente alcançado a capital peruana. A etapa de Lima consistiu basicamente nas batalhas urbanas de Chorrillos e Miraflores. Após esses combates, o exército regular peruano praticamente deixou de existir do ponto de vista estratégico, consistindo apenas em grupos mal organizados que lograram sobreviver nessas duas batalhas.¹¹⁶ Prevaleceu, a partir de então, um cenário de desordem com distúrbios violentos e saques. O caos foi tamanho que o prefeito de Lima chegou a solicitar ao general chileno Manuel Baquedano que restaurasse a ordem na cidade. Em 17 de janeiro de 1881, as tropas chilenas tomaram posse total de Lima além dos fortes estratégicos de *Santa Catalina* e *San Cristóbal*.¹¹⁷ A guerra convencional havia acabado, entrando em uma nova etapa limitada a resistências isoladas e ataques de guerrilha - articulados pelo peruano Andrés Avelino Cáceres - contra as forças chilenas. A ocupação do Peru prosseguiria até a assinatura do tratado de Ancón entre Chile e Peru em 20 de outubro de 1883. O cessar fogo oficial com a Bolívia só seria assinado em 4 de abril de 1884 apesar de que, naquele momento, a guerra já estava resolvida.

¹¹⁵ SATER, 2007, p. 166.

¹¹⁶ CHILE, 1997, p. 192.

¹¹⁷ ESPOSITO, 2016, p. 14.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra do Pacífico deixou rastros de rancor e ressentimentos que ecoam nos dias atuais em virtude de suas consequências. A ocupação e anexação pelo Chile de territórios da Bolívia e do Peru traria sérios problemas para as relações diplomáticas vindouras entre os três países. No caso da Bolívia o ressentimento seria ainda maior tendo em vista que, após o conflito, tornou-se um país mediterrâneo.

O início conturbado das repúblicas na América Latina, marcado pela imprecisão na delimitação das fronteiras, pela instabilidade política e por crises institucionais influenciou decisivamente o destino que cada país envolvido no conflito tomou. Ao mesmo tempo, nos permitiu esboçar as origens de uma guerra que, como na maioria das vezes, eclodiu diante de interesses econômicos. No caso da Guerra do Pacífico, o interesse pela exploração do salitre arrastou o povo boliviano, peruano e chileno para um conflito sangrento e desnecessário.

Ao comparar o ambiente interno do Chile, da Bolívia e do Peru nas décadas que antecederam a Guerra do Pacífico, foi possível constatar que o Chile, além de possuir uma identidade nacional, apresentava maior estabilidade econômica e um Estado politicamente organizado. Essa ordem política consolidada permitiu ao Chile conduzir de modo estratégico a ocupação de porções territoriais no deserto de Atacama, durante o período inicial de exploração comercial dos recursos minerais dessa região. Ao mesmo tempo, proporcionou as condições necessárias para a tomada de decisões coerentes durante a guerra conseguindo, por exemplo, evitar uma possível aliança da Argentina com as forças combinadas do Peru e da Bolívia.

No que concerne à parte política e militar, a inépcia de líderes como Hilarión Daza, Narciso Campero e Mariano Ignacio Prado resultou em estratégias desastrosas, anulando a resistência e a bravura dos soldados bolivianos e peruanos que se engajaram na guerra. Nesse sentido, a incapacidade dos líderes bolivianos e peruanos de tomar decisões corretas, diferiu da habilidade demonstrada pelos líderes políticos e militares chilenos. Tanto nas operações marítimas como nas operações terrestres, as estratégias chilenas se sobrepuseram às de seus inimigos, permitindo ao Chile ditar o curso da guerra. A decisão chilena de dominar os mares e posteriormente iniciar as campanhas

terrestres, impossibilitou o esforço de guerra da Bolívia e do Peru, que acabaram ficando privados do acesso a suprimentos e armas. Enquanto isso, o Chile prosseguiu suas importações, garantindo os armamentos demandados durante o conflito por suas tropas. A robustez da marinha do Chile, além da qualidade e padronização dos armamentos de seu exército, também foram fatores determinantes para o êxito do Chile na Guerra do Pacífico.

REFERÊNCIAS

BARRIENTOS-PARRA, Jorge; AGUILAR, Sérgio. A demanda Bolívia v. Chile na corte internacional de justiça: a questão da saída para o oceano pacífico. *Revista da Faculdade de Direito da UFMG*. Belo Horizonte, n. 71, p. 341 – 374, 2017.

BARROS ARANA, Diego. *Historia de la Guerra del Pacífico: 1879-1881*. Santiago: Librería Central de Servat I C.^a, 1881.

BERMUDEZ MIRAL, Oscar. *Historia del salitre desde sus origenes hasta la guerra del pacífico*. Santiago: Universidad de Chile, 1963.

BERNAT, Gabriel. *Recopilación de las Leyes de los Reynos de las Indias*. 2016. Disponível em: <www.gabrielbernat.es/espana/leyes/rldi/indice/indice.html> Acesso em 12/09/2019.

BETHELL, Leslie (Coord.). *História da América Latina: Da independência até 1870*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. *História da América Latina: de 1870 a 1930*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

BOLIVIA. *El Libro del Mar*. La Paz: Ministerio de Relaciones Exteriores de Bolivia, 2014.

BÚLNES, Gonzalo. *Guerra del Pacifico, de Antofagasta a Tarapacá*. Valparaíso: Universo, 1911.

CARR, Edward Hallet. *Que é História?* 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CHILE. *Constitucion Política del Estado de Chile. Promulgada el 23 de octubre de 1822*. Disponível em: <https://www.bcn.cl/Books/Constitucion_Politica_del_Estado_de_Chile_1822/index.html#p=23> Acesso em 15/09/2019.

_____. *Historia Militar de Chile, Tomo II*. 3. ed. Santiago: Geniart, 1997.

CONTRERAS, Carlos; CUETO, Marcos. *Historia del Perú contemporâneo: desde las luchas por la independencia hasta el presente*. 4. ed. San Miguel: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2010.

DORATIOTO, Francisco. *Espaços Nacionais na América Latina: Da Utopia Bolivariana à Fragmentação*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

EKDAHL, Wilhelm. *Historia militar de la Guerra del Pacífico entre Chile, Perú y Bolivia, Tomo I. Orígenes de la guerra, Campaña naval, Conquista de Tarapacá*. Santiago: Universo, 1919.

ESPOSITO, Gabriele. *Armies of the war of the pacific 1879-1883: Chile, Peru & Bolivia*. Bloomsbury: Osprey Publishing, 2016.

EYZAGUIRRE, Jaime. *Breve historia de las fronteras de Chile*. 2. Ed. Santiago: Universitária, 1968.

_____. *Chile y Bolivia, esquema de um processo diplomático*. Santiago: Editora Zig-Zag, 1963.

GALDAMES, Luis. *Historia de Chile*. 13. ed. Santiago: Zig-Zag, 1952.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Historia contemporânea de América Latina*. Madrid: Alianza, 1986.

HOSIASSON, Laura Janine. *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*. São Paulo: Edusp, 2011.

KLEIN, Herbert S. *História da Bolívia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

MUZZO, Gustavo Pons. *Historia del Peru*. Lima: Editorial Universo S.A., 1961.

SANTAROSA, Felipe Costi. *Rivalidade e integração nas relações chileno-peruanas: implicações para a política externa brasileira na América do Sul*. Brasília: FUNAG, 2012.

SATER, William F. *Andean Tragedy: Fighting the War of the Pacific, 1879-1884*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2007.

VILLALOBOS, Sergio. *Breve historia de Chile*. 11. ed. Santiago: Editorial Universitaria, 1996.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, **Guilherme Figueira Rocha**, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado **Causas da superioridade chilena na Guerra do Pacífico** foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 10 de dezembro de 2019.

Guilherme Figueira Rocha

Matrícula: 16/0029465